

Entre uma data e uma memória

Ruy-Guilherme de Moraes e um desafio

Neste dia 5 de Setembro completam-se três meses sobre a data do funeral do jornalista e escritor Ruy-Guilherme de Moraes, que morreu a 4 de Junho deste ano e que, por sinal, neste dia 5 de Setembro faria 88 anos, já que nasceu em 1931. Como ele próprio dizia, “antes 5 de Setembro que 5 de Outubro, porque de República a “Respulha” tinha sido só uma questão de tempo.

Como escrevi, aqui, no Correio dos Açores, na data do seu falecimento, Ruy-Guilherme de Moraes distinguiu-se como grande jornalista e cronista, ao serviço do jornal Correio dos Açores nos anos sessenta e até 1975, altura em que deixou este jornal. As suas saborosas crónicas que eram doseadas de actualidade e literatura são inesquecíveis, para quem as leu e seguiu. Contista brilhante, aguarda-se que os seus contos possam ser reunidos em livro que muito enriquecerá a literatura nos Açores. Um deles, sob título de “50 Pesos Argentinos” que narra São Miguel de há cem anos, foi adaptado a cinema, num filme totalmente rodado nesta ilha.

Conjuntamente com outros grandes nomes da literatura açoriana fez parte do Circulo Literário Antero de Qental, conhecido como o Grupo do Jade, já que era naquele emblemático bar que se reuniam, e que se tornou uma das mais importantes tertúlias literárias de então e que ainda há poucos anos foi recordada num trabalho do professor e escritor Urbano Bettencourt, apresentado nas comemorações do Dia de Antero, no Liceu do mesmo nome, numa organização dos Antigos Alunos daquela Escola.

Ruy-Guilherme de Moraes, mesmo depois de aposentado e limitado na sua mobilidade, deixa o seu nome ligado a muitos livros, alguns dos quais do seu grande companheiro nas lides jornalísticas, Manuel Ferreira, de que fez cuidada revisão, não esquecendo a preciosa colaboração que deixou no jornal Atlântico Expresso, fundado e então dirigido por Victor Cruz.

Para além da sua colaboração em outros diversos jornais e revistas, para que era frequentemente solicitado, fez uma longa car-

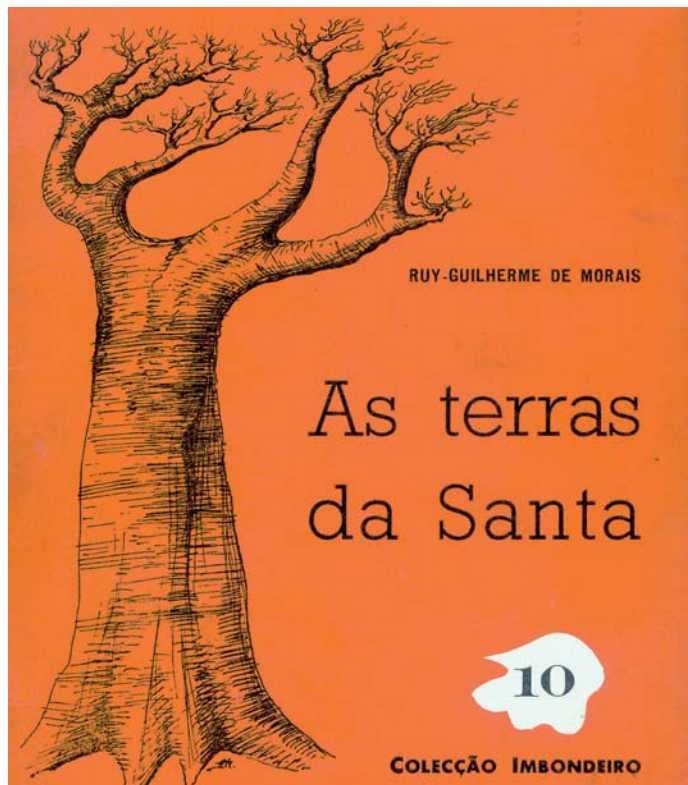
reira profissional em diversas empresas, de que destacamos a Firma João Soares Júnior, Sucrs. Lda, de que foi Chefe de Escritório durante alguns anos, passando depois, com o mesmo cargo, para a Mutualista Açoriana, tendo mais tarde saído para se estabelecer com uma empresa de importação e exportação que agenciava o navio “Pauline Maria” que fazia carreira entre os Açores e os Estados Unidos e que se tornou célebre por transportar os “barris e caixotes” da América.

Ruy-Guilherme de Moraes, na política era um Homem de esquerda, lutador contra o antigo regime e que no Movimento Democrático encabeçou a primeira manifestação, no dia 1 de Maio de 1975. Dotado de uma cultura extraordinária, era um conversador nato e um comunicador que cativava e junto do qual nem se dava pelo passar do tempo.

Três meses depois, há um pequeno livro dele, quase um opúsculo, que gostava de aqui recordar. Falo de “As Terras da Santa”. Tenho um exemplar que guardo religiosamente. Nunca percebi - e nunca tive coragem de perguntar-lhe, porque sei a resposta que ele me daria - por que motivo um tão belo conto, verdadeira novela, absolutamente açoriano, foi publicado e faz parte de uma colecção angolana, a “Imbondeiro”. Não tem data de publicação, mas é o décimo autor a entrar na lista das publicações do que se intitula de “Antologia de Contos Angolanos”.

Na altura da publicação de “As Terras da Santa”, Ruy-Guilherme de Moraes foi apresentado como contista “dedicado ao problema fundamental do Homem na sua Ilha - a Terra, a sua crescente valorização e a sua cada vez mais aflitiva exiguidade”.

“As Terras da Santa” é um conto que respira ruralidade por todos os poros. Ruy-Guilherme de Moraes encarna de forma quase sublime o drama dos “sem-terra micalenses”, e dos sonhos por um pedaço dela, mitigadora de fome e de ilusões, num meio onde imperavam os donos e caciques, alimentados e apoiados por uma igreja que o próprio escritor esconjurava e não se can-



sava de zurzir.

Sem nada saber, e sem nada ter a ver com eventuais direitos de autor, que à família pertencem, acho que a maior homenagem que se podia prestar a Ruy-Guilherme de Moraes seria a de - como sugeri no apontamento no dia do seu falecimento - reunir alguns dos seus escritos que andam por aí dispersos. Ressuscitar o João Cabral, mais o Padre Inácio Botelho, o António Lesto (que amava a terra) e o “malvado” Agostinho Cabral, que tudo abocanhava, sob complicitade do padre, e sentir a sua desilusão: *apaga as velas,*

Emília, que para nós não há arraial, era dar a muita gente a oportunidade de ler algo de muito bom na nossa Literatura. A quem de direito, deixo a sugestão.

Pelas mãos de Ruy-Guilherme de Moraes entrei neste “Correio dos Açores”, em Outubro de 1973. Neste abraço de saudade evoco o Amigo e o grande jornalista e escritor que foi, filho, aliás, de um distinto director deste Jornal, Guilherme de Moraes.

“As pessoas só morrem quando delas se deixa de falar”!

Santos Narciso

“PS é garante da estabilidade e coesão social”, defende a socialista Isabel Almeida Rodrigues

A candidata socialista Isabel Almeida Rodrigues defendeu ser fundamental “dar força ao PS para que não existam retrocessos, para que, aqueles que antes do PS cortaram pensões e puseram em causa o bem-estar dos idosos e dos reformados, não regressem ao Governo e voltem a pôr em prática um projeto político altamente prejudicial aos idosos e reformados”.

Isabel Almeida Rodrigues, que falava à margem da visita ao Lar D. Pedro V, na Praia da Vitória, reafirmou, ainda, que a lista que encabeça à Assembleia da República quer “continuar a pugnar pela defesa dos direitos dos nossos idosos e prosseguir com um projeto político com a marca social do Partido Socialista, que não deixa ninguém para trás e que dará grande atenção aos idosos”.

Não esquecendo que foram os idosos a faixa etária que mais sofreu com o governo anterior,



Isabel Almeida Rodrigues destacou o trabalho positivo dos últimos quatro anos, da governação do Partido Socialista.

“Na última legislatura foi implementado um

conjunto de medidas que vieram, não só valorizar os seus rendimentos, por exemplo, acabando com os cortes nas pensões, mas também, aumentando o Complemento Solidário para Idosos e,

no caso particular dos Açores, garantindo que os idosos que recebem o Complemento Regional de Pensão não são prejudicados no acesso a essa medida nacional”. Para a candidata socialista, aquilo que está em causa no próximo dia 6 de outubro, é se os Açorianos pretendem prosseguir este caminho, “onde as pessoas são tratadas com dignidade, onde aos idosos reconhecemos que, após uma vida inteira de trabalho, lhes devem ser conferidas condições para viver essa fase da vida de uma forma digna e com bem-estar. Temos de decidir se queremos que o País continue a ter condições para fazer investimentos nas respostas que são necessárias para atender às necessidades da nossa população mais idosa, numa altura em que o País enfrenta um desafio demográfico muito importante, o qual exige capacidade de diálogo, de consenso e a estabilidade política que só o PS está em condições de garantir”, defendeu.